

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
ROSEMERI HOFFMANN KASTER**

**GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR**

**FLORIANÓPOLIS 2016**

**ROSEMERI HOFFMANN KASTER**

**GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Orientadora: Patrícia de Moraes Lima

**FLORIANÓPOLIS 2016**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Kaster, Rosemeri Hoffmann  
Gênero e Sexualidade no Espaço Escolar / Rosemeri  
Hoffmann Kaster ; orientador, Patrícia de Moraes Lima -  
Florianópolis, SC, 2016.  
33 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.  
Curso de Gênero e Diversidade no Espaço Escolar.

Inclui referências

1. Pós em Gênero e Diversidade no Espaço Escolar. 3.  
Gênero. 4. Sexualidade. 5. Diversidade. I. Lima, Patrícia  
de Moraes . II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Gênero e Diversidade no Espaço Escolar. III. Título.

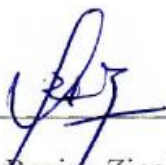
**ROSEMERI HOFFMANN KASTER**

**GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para  
obtenção do título de Especialista em  
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Aprovado em 09 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:

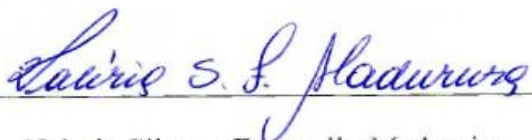


Olga Regina Zigelli Garcia

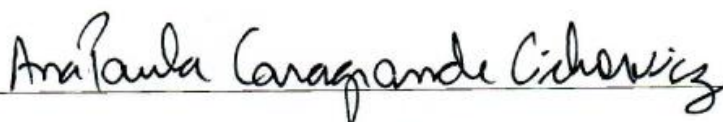
Banca Examinadora:



Camila Sissa Antunes



Valeria Silvana Faganello Madureira



Ana Paula Casagrande Cichowicz

*Dedico este estudo àquelas eternas crianças em meu coração, minhas filhas, Kelly e Estela.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada, dando-me saúde e força para superar as dificuldades. À Universidade Federal de Santa Catarina, com seu excelente corpo docente, direção e administração, que oportunizaram a janela pela qual vislumbro um horizonte de maior conhecimento e compreensão. Agradeço à minha orientadora, Patrícia de Moraes Lima, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos. À minha família, pelo apoio incondicional. E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

*[...] o sujeito se encontra num processo constante de construção e oferece um meio sistemático de interpretar o desejo consciente e inconsciente, referindo-se à linguagem como um lugar adequado para análise. (JOAN SCOTT, 1989, p.16)*

## RESUMO

A escola é uma instituição social na qual acontecem diversas relações de gênero e, com isso, podemos compreender esse espaço como um lugar onde diferentes sujeitos constroem-se em convívios distintos e práticas sociais. O objetivo desta pesquisa é analisar livros da Literatura Infantil que contextualizem diversas relações entre masculino e feminino, visando à desconstrução da visão naturalista que se tem de gênero e sexualidade. Para viabilizar a pesquisa foram analisados, como *corpus*, quatro livros infantis: **Meu amigo Jim** de Kitty Crowther (2007); **Olívia tem dois papais**, de Márcia Leite (2010). **Menina não entra** de Telma Guimarães Andrade, 2006 e **Feminina de menina, masculino de menino**, de Márcia Leite (2011). Nessas obras, foi possível identificar como as questões de gênero e sexualidade são apresentadas através dos personagens e enredos. As análises, de caráter qualitativo, demonstram de que maneira as questões de gênero e sexualidade no espaço escolar presentes nos livros infantis são importantes produtores de saberes, além de relevante maneira de comunicar e formar indivíduos na sociedade. As obras analisadas reproduzem a separação entre homem e mulher, disponibilizando uma hierarquia sócio histórica entre ambos, o que se constitui também como reflexo do convívio familiar e social. Diante disso, defendemos a importância da Literatura Infantil como maneira de mobilizar novas reflexões sobre a diversidade de gênero e sexualidade no espaço escolar.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Gênero. Diversidade. Escola.



## ABSTRACT

School is a social institution which holds several gender relations and, therefore, we can understand this space as a place where different individuals are formed in different gatherings and social practices. This research aims to analyze books of Children's Literature that contextualize various relationships between male and female, in order to deconstruct the naturalistic view that people often have about gender and sexuality. To enable this research, four children's books were analyzed as a *corpus*; they were: **Meu amigo Jim** by Kitty Crowther (2007); **Olívia tem dois papais** by Márcia Leite (2010); **Menina não entra** by Telma Guimarães Andrade (2006) and **Feminina de menina, masculino de menino**, by Márcia Leite (2011). In these works, it was possible to identify how gender and sexuality issues are presented through the characters and storylines. The qualitative analyses show how gender and sexuality issues at the school environment, present in children's books, are important producers of knowledge, and a relevant way to communicate and develop individuals into society. The books analyzed reproduce the segregation between men and women, providing a historical and social hierarchy between them, which is also a reflection of the social and family life. Therefore, we advocate the importance of children's literature as a way to encourage mobilize reflection on gender and sexual diversity at school.

**Key words:** Sexuality. Gender. Diversity. School.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	11
2	MÉTODO .....	14
3	REFLETINDO SOBRE A PESQUISA .....	15
4	REVISÃO DE LITERATURA .....	17
5	LITERATURA, GÊNERO, SEXUALIDADE - ANÁLISE DOS LIVROS .....	21
5.1	Análise I .....	23
5.2	Análise II .....	24
5.3	Análise III .....	26
5.4	Análise IV .....	28
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	31
7	REFERÊNCIAS.....	33

## 1 INTRODUÇÃO

O tema abordado é gênero e sexualidade no espaço escolar, constitui-se assim, como objetivo geral do trabalho de pesquisa: analisar livros da Literatura Infantil que contextualizem os diversos gêneros, visando à desconstrução da visão naturalista que se tem de gênero e sexualidade.

Para atingir tal objetivo, relacionados a ele, foram definidos como objetivos específicos:

- Selecionar obras literárias que permitam uma abordagem diferenciada de questões de gênero;
- Reconhecer as diferenças entre masculino e feminino, a influência cultural socialmente atribuída, evitando a discriminação;
- Promover a reflexão sobre uma educação em sexualidade e gênero por meio de histórias infantis;
- Analisar a maneira como as famílias são representadas na Literatura Infantil;
- Contribuir com a mudança na postura de tratamento das crianças em ambiente escolar.

A análise reúne quatro obras literárias que foram escolhidas para fazer uma reflexão das formas de representação dos gêneros masculino e feminino, como são disponibilizadas socialmente nos espaços escolares e na família. Há representações de sexualidades para além da heterossexualidade o que disponibiliza aos personagens outras possibilidades do exercício de suas identidades.

Este estudo tematiza o processo de construção da sexualidade e gênero no espaço escolar, uma vez que o sujeito tem o direito também à educação sexual é que se questionam os dogmas culturais normativos. Partimos do consenso que o conhecimento sobre a sexualidade é considerado grande desafio e, cabe à educação romper com paradigmas arraigados, os quais nos remetem aos valores construídos historicamente nos diferentes modelos sociais. Na sociedade atual, inegavelmente convivemos (bem ou mal) com as diferenças, ou seja, aqueles que não atendem à norma ou ao padrão da sociedade, mas, infelizmente, em maioria, são excluídos em função de suas peculiaridades. Desta forma problematizando a temática de gênero e sexualidade no espaço escolar, para uma visão mais aberta, com respeito, sem preconceito.

O embasamento teórico, a princípio, deste estudo está nos estudos de Joan Scott que é

uma das grandes teóricas sobre o uso da categoria gênero em história, que foi influenciada pelos estudos de Michel Foucault. Os estudos de Gênero e sexualidade com subsídios pós-estruturalista, tem a finalidade de fazer a desconstrução da análise a partir das obras aqui analisadas. Foucault aborda a relação de poder e conhecimento como eles são usados como forma de controle social por meio de instituições sociais. Nesta pesquisa também vou citar outros autores como: Louro, 2000; Nunes e Silva, 1997; Melo, 2001; entre outros que contribuem de uma forma nessa temática de trabalho.

O *corpus* deste estudo é formado por quatro (4) livros infantis, selecionados sob o critério de ser compostos por histórias que enfatizam relações heteronormativas, de príncipes e princesas que vivem felizes para sempre. Muitas literaturas infantis induzem os sujeitos ao modelo entendido, pela maioria, como sendo o padrão de normalidade, ou seja, heterossexual. O objetivo geral é problematizar, por meio dessas obras, a questão da diversidade de gênero e sexualidade, de modo a identificar como são trabalhadas as noções de gênero e sexualidade nas histórias infantis e, com isso, como são constituídos esses sujeitos na infância/adolescência.

Adicionamos as questões de pesquisa:

- De que maneira ocorre a abordagem de gênero e de sexualidade nas escolas?
- Quais os conceitos de gênero presentes nas obras literárias selecionadas?
- Como é o trabalho com gênero e sexualidade nas escolas, a partir da Literatura Infantil?
- Existe influência da Literatura Infantil na formação do sujeito?

Constitui-se assim o problema da pesquisa:

Qual a abordagem sobre as questões de gênero e sexualidade em obras literárias e de que maneira podem contribuir para enfrentar o preconceito e a discriminação no espaço escolar?

Através da Literatura Infantil temos a oportunidade de problematizar e ampliar os repertórios sobre as relações de gênero e sexualidade e, com isso, inferir que muitas histórias ainda contextualizam a normatização da sociedade, heterossexualidade e não trazem para o contexto da diversidade nas relações de gênero e sexualidade que encontramos. É por meio desta vivência com as histórias que aluno(a)s fazem a relação com o conhecimento adquirido no convívio escolar, formando sua identidade sexual/de gênero.

Diante da análise dos enredos das histórias selecionadas, é imprescindível que todos se conscientizem da importância que os dispositivos culturais têm, em destaque a Literatura, e do

modo como influenciam as crianças. O fácil acesso aos aspectos culturais que são utilizados como peças importantes e eficientes na produção de valores sociais, hábitos, comportamentos conduzem em relação à temática trabalhada. No decorrer deste estudo, ocorreu a observação e análise de conteúdo, por ser uma pesquisa qualitativa será analisada a maneira como a Literatura Infantil interage na vida das crianças em contraponto com o funcionamento de conceitos estabelecidos como fator normativo. A pesquisa desenvolvida justifica-se pela necessidade de trabalharmos com a diversidade humana e sexual de alunos e alunas nas escolas e, com isso, enfrentarmos os diferentes preconceitos sobre gênero e sexualidade, constantemente produzidos na sociedade e que afetam a vida das crianças e dos adolescentes. Desse modo, a pesquisa intenciona contribuir para uma nova abordagem, de forma lúdica dos gêneros, de modo que possamos enfrentar o preconceito e a discriminação no espaço escolar.

## 2 MÉTODO

Este estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, uma vez que não tem intenção de obter números, mas sim revelar dados sobre comportamentos e um cenário que fornece informações sobre as interações entre os indivíduos, a subordinação das relações com o espaço social. Permite discutir o melhor contexto no qual os comportamentos e convicções dos sujeitos são processados.

A observação das obras visa à produção de conhecimento sobre determinado caso, a partir da problemática. O *corpus* de análise é constituído por quatro livros da Literatura Infantil: **“Meu amigo Jim”**, Kitty Crowther (2007), **“Olivia tem dois papais”**, Márcia Leite (2010), **“Menina não entra”**, Telma Guimarães Andrade (2006) **“Feminina de menina, masculino de menino”**, Márcia Leite (2011).

Esta pesquisa se deteve no mês de agosto e setembro na qual aconteceu a observação e análise do conteúdo de quatro livros escolhidos. A análise buscará identificar como se tem constituído as relações de gênero e a diversidade no contexto dessas obras.

### 3 REFLETINDO SOBRE A PESQUISA

Desde muito cedo, quando nascemos, a partir da família, são transmitidos padrões de comportamento diferenciados para homens e mulheres, posteriormente, no espaço escolar ocorrem grandes descobertas e conflitos. Conforme Louro (2000, p. 06), a diferença entre os gêneros é feita dentro de um conjunto de circunstâncias de uma determinada cultura que, a longo prazo, deixa suas marcas. A sexualidade e a maneira de se expressar diante dela são socialmente instituídas e padronizadas, além disso, sabemos que as identidades de gênero são definidas por relações sociais e aperfeiçoadas pelas organizações de poder de uma sociedade.

Segundo Scott, (1989, p.21) “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Esse conceito nos permite abandonar a explicação da natureza como responsável pela diferença que existe entre os comportamentos e lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade. Mesmo com a grande transformação dos costumes e valores que vêm acontecendo ainda existem muitas discriminações relacionadas ao gênero. Em conformidade com as relevantes ideias de Graupe e Sousa (2015, p.112), “Ao pautar a temática de gênero é possível constatar que as pessoas refletem concepções internalizadas sobre homens e mulheres, sobre como homens e mulheres devem ser e se comportar na escola, na sociedade”.

O conflito sobre as relações de gênero tem como objetivo combater relações autoritárias de diferentes tipos de poder; questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar sua transformação. A flexibilidade pretende permitir a expressão de potencialidades existentes em cada indivíduo, o que é dificultado pelos estereótipos de gênero. Justifica-se o tema e base teórica pela importância que as narrativas têm na educação, uma vez que, em geral a alfabetização está relacionada à leitura de obras literárias, desse modo, é determinante a seleção e abordagem de diferentes livros infantis na constituição de sujeito.

As diferenças devem ser vividas a partir da singularidade de cada um, apontando para igualdade entre os sexos. O comportamento diferenciado entre meninos e meninas deve ser respeitado, conforme (LOURO, 2000, p. 06) é o meio cultural, social e histórico que acontece à construção da identidade de cada criança. “O reconhecimento do “outro”, daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos é feito a partir do lugar social que ocupamos” (LOURO, 2000, p. 09). Entretanto, é necessário refletir sobre e passar a respeitar

as escolhas de cada indivíduo com relação às companhias, ou seja, meninos brincando com meninas e vice-versa, de modo que se modifiquem os padrões culturais que tentem a atitude de opressão.

Ao fazer uma análise da sociedade, percebemos diversos problemas relacionados com o gênero, tanto no espaço escolar quanto na sociedade, em vida adulta. Ao contrário do que muitos acreditam, as famílias precisam conversar mais sobre sexualidade com seus filhos, de modo aberto e sem preconceitos para colaborar com a escola com relação a essa temática. Diversas são as práticas pedagógicas que podem ser utilizadas para o estudo da sexualidade na escola, destacamos a Literatura como recurso fecundo de trabalho.

A mudança de abordagem é essencial para modificar o pensamento machista da maioria da sociedade, que se reflete na comunidade escolar. Desta forma, é por meio da inclusão de diversos livros que tragam a temática de gênero e sexualidade no espaço escolar, que podemos desenvolver uma reflexão mais crítica por parte de alunos/as e professores/as no processo de ensino-aprendizagem.



## 4 REVISÃO DE LITERATURA

Muito se tem discutido, recentemente, sobre a necessidade de observar a questão de gênero no espaço escolar, o que implica questionar diversos conceitos e posturas arraigadas nesse espaço. Vale destacar que essas discussões, infelizmente, ainda estão circunscritas em pequenos grupos em geral docentes, preocupados com a formação dos alunos. Diante desse cenário é que se fazem necessários mais estudos e pesquisas referentes na área, justificando a importância desta Pesquisa. A observação crítica de fatos históricos revela que vivemos num ambiente no qual se encontra uma concepção machista em relação à diversidade de gênero. Depois de muitos anos, através do Movimento Feminista, surgiu a palavra *gênero*, atualmente, pouco conhecida ou compreendida, embora os documentos esclareçam, conforme Proposta Curricular de S.C (2014),

Ao se falar em gênero, não se fala apenas de macho ou fêmea, homem e mulher, a partir do olhar biológico. O gênero remete, também, a outros corpos. Remete a construções sociais, históricas, culturais e políticas que dizem respeito a disputas materiais e simbólicas que envolvem processos de configuração de identidades em outros sujeitos (PROPOSTA CURRICULAR, 2014, p. 59).

No entendimento da Proposta Curricular, é preciso destacar que o indivíduo não se constitui somente de aspectos biológicos, mas também de construções sociais, históricas, culturais e políticas, sendo assim, é preciso que a sociedade reflita e aceite as diferenças de gêneros.

As alterações na organização das relações sociais obedecem sempre a mudanças de poder, sendo vistas como um artefato distintivo das relações sociais fomentadas sobre as diferenças entre os sexos. Nas palavras de Scott (1989, p. 07), [...] “o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos”. De modo que há uma construção social do modo de conviver entre menino/menina, homem/mulher.

Conforme Grossi (2015, p. 95), foi a partir da segunda onda que os movimentos feministas deram prioridade às lutas pelo direito do corpo e contra o patriarcado, o poder dos homens subordinava as mulheres. A segunda onda do feminismo ampliou a discussão para grandes questões: sexualidade, família, mercado de trabalho, rompendo desta forma com padrões tradicionais, acabando assim com a exploração sofrida pelas mulheres. Um movimento que ganhou força defendendo a igualdade entre os sexos. Essa postura patriarcal repete-se há anos na história das relações familiares no Brasil. Scott (1989, p. 28) também relata que: “as mulheres são invisíveis como sujeitos históricos”, sabendo que participaram da

história da humanidade, mas não eram vistas como indivíduos que também contribuíram para a construção social da nação. Tal afirmação demonstra a postura de segregação e apagamento que, durante anos, constituiu a imagem da mulher na sociedade.

A maioria sabe que, no Brasil, há tempos, observam-se os reflexos de muitos acontecimentos históricos determinantes, foi depois da Segunda Guerra Mundial o surgimento da categoria gênero e das lutas por reivindicações ligadas às mulheres possibilitando a vida social mais liberal. Grossi relembra que, é por conta dessas conquistas de outrora, as poucas modificações que vemos hoje, nos papéis femininos e masculinos, com um número maior de homens aproximando-se de antigas tarefas “tidas como femininas” ou ainda, se no chamado espaço público as mulheres cada vez mais se fazem presentes. (GROSSI, 2015, p.107). Mesmo assim, infelizmente, ainda observamos, nos dias de hoje, muitas desigualdades e preconceitos existem entre homens e mulheres. Desse modo, este estudo propõe uma reflexão sobre as contendas relacionadas aos gêneros.

Ao tratar sobre sexualidade vamos entender que *sexo* é a caracterização biológica (homem/mulher), todavia, *sexualidade* abrange uma dimensão maior, são valores afetivos, emocionais, sentimentos, envolve entender o indivíduo na sua totalidade. Segundo as palavras de Scott (1989, p. 07), “Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque ele oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens (SCOTT, 1989, p. 07) ”.

Vivemos em uma sociedade de normatização na qual *condutas sexuais* diferentes do padrão entendido como “normal”, são considerados “desvios”. Desse modo, estamos diante de uma conflituosa realidade enfrentada diariamente nas instituições escolares, a desigualdade entre os sexos, estimulando meninas à submissão, na maioria das vezes, como é possível observar nas histórias infantis, nas quais as princesas são dependentes e submissas ao príncipe apaixonado. Nessa perspectiva, também é possível observar em diversos livros de literatura a presença de um tipo de *família padrão*, constituída pelo pai, mãe e filhos e definida como normativa há anos, mesmo diante de novas configurações familiares.

Entretanto, questionamos onde estão representados os vários tipos de família que temos, atualmente, na sociedade? As respostas devem constituir-se na prática escolar, porque é nesse espaço onde ocorrem as primeiras socializações com indivíduos, que não os familiares. Podemos afirmar que o profissional da educação que não trabalhar de forma crítica, perpetua por a discriminação em relação a gênero e sexualidade. Graupe e Sousa (2015, p.112), menciona que, “Ao pautar a temática de gênero é possível constatar que as pessoas refletem concepções internalizadas sobre homens e mulheres, sobre como homens e

mulheres devem ser e se comportar na escola, na sociedade”. Nesse sentido, nas vivências do cotidiano escolar, os profissionais da educação se deparam, frequentemente, com procedimentos educacionais que refletem o poder de um estereótipo de gêneros, sendo urgente a mudança desse cenário.

Em conformidade com as relevantes ideias de Nunes e Silva (1997, p.14),

Nossas tradições pedagógicas e institucionais, sobretudo centradas na família e na escola, sempre enfocaram a infância sobre elementos negativos, autoritários e restritivos. O senso comum, carregado de preconceitos, consagra ainda hoje expressões como “é pequeno que se torce o pepino” e outras, sempre retratando uma imaginação coletiva de que, pela ordem e austeridade, se “corrigiria” ou modelaria a criança adequada, obediente e ordeira (NUNES e SILVA, 1997, p.14).

Diante desse cenário, poucas publicações e estudos existem no Brasil, nos dias de hoje, de modo que encontramos dificuldade para abordar questões relacionadas à educação sexual, ressalta-se assim a necessidade de reflexões sobre a diversidades de gênero que há tempos já existem nas escolas. É na escola que encontramos estereótipos, dúvidas, credices que são transmitidos de geração a geração. Por todos esses aspectos, é necessário superar o estereótipo repressor da sexualidade infantil, aprofundar o nosso conhecimento sobre a construção sócio-histórico-cultural dos seres humanos, partindo da sexualidade infantil.

A escola, tem papel fundamental na construção da identidade dos indivíduos, inclusive das identidades sexuais e de gênero, por ser um espaço privilegiado para o afloramento e a proliferação dos temas ligados à sexualidade e às questões de gênero. (Gênero e Diversidade na Escola, 2009, p.48).

Sob essa ótica, Melo (2001, p.114) relata que foram feitos vários estudos sobre a infância da criança na qual afirma haver uma relação muito grande entre as experiências da infância e o ser no mundo adulto, aponta: “seja o que for que se pretenda ver compreendido no adulto, deverá ser buscado na esteira de sua construção durante a infância, quase sempre vivida no nodal idílio da família patriarcal ocidental”.

Graupe e Sousa (2015, p.112) explicam que,

Os estudos sobre gênero no contexto escolar nos possibilitam refletir as necessidades e potencialidade de uma educação que considere as diferenças. Por isso, é fundamental trabalhar gênero para possibilitar o desenvolvimento de sua equidade, reflexão que contribua no entendimento e no debate sobre o tema (GRAUPE e SOUSA, 2015, p.116).

Neste estudo, defendemos que não há idade para falar de sexo para a criança, não

existe um momento certo, quando chegar as dúvidas, ela mesma vai questionar, sendo esse o momento para responder, pois devemos deixar claro que a sexualidade não é algo sujo, feio, vergonhoso, como já se disse antigamente. Muitas vezes, os questionamentos das crianças surgem durante a leitura de diferentes obras de literatura, nas quais as atitudes dos personagens geram reflexões e curiosidade. Sendo assim, a literatura deve ser, além de fruição, um espaço aberto para se questionar sobre posturas, vivências, gostos e características que podem pertencer a todos os gêneros.

Levando-se em consideração esses aspectos é possível afirmar que, por meio do lúdico, jogos, brincadeiras, hora do conto e dramatizações, a criança estabelece relações com o mundo da imaginação e da fantasia, uma maneira de afirmar a identidade e descobrir os papéis sociais e afetivos que irá assumir. Dito por Chaves (1963, p. 21),

Todos apreciam uma boa história, mas muita pouca gente conhece o valor real dela. Muitos que a usam para diferentes fins, como entreter, despertar a atenção ou descansar a mente, ignoram que, mesmo quando usada com estes objetivos em vista, a história é um elemento poderoso na formação do caráter daqueles que a ouvem[...]. Podemos afirmar que o valor real da história é ser instrumento educativo e deste ponto de vista, atende às necessidades humanas em todos os seus aspectos (CHAVES, 1963, p. 21).

Dentre os locais onde a criança e o adolescente aprendem sobre gênero e sexualidade está, como pilares, a família e a escola, em destaque pela Literatura, posteriormente a mídia, amigos, músicas, etc. O aprendizado acontece de diferentes maneiras, todavia, é inegável o papel determinante do espaço escolar, uma vez que é espaço diário e de convívio social com não-familiares.

Ao fazer uma análise da sociedade, destacamos a importância de refletir e discutir sobre as estratégias pedagógicas em sala de aula e também na formação de professores, com relação à gênero e à sexualidade. Ademais, é preciso incentivar a criticidade acerca das “verdades normativas” diante das relações sociais e de poder que constituem os sujeitos em sua formação escolar. Defendemos, diante dessa perspectiva, que o ensino da Literatura Infantil possibilita melhoras no sentido de reflexão e formação no espaço escolar.

## 5 LITERATURA, GÊNERO, SEXUALIDADE - ANÁLISE DOS LIVROS

A literatura no espaço escolar tem o papel fundamental na construção de um sujeito capaz de assumir uma atitude crítica em relação ao mundo. Traz consigo um poder notável conforme Compagnon, (2009, p. 29) “lemos, mesmo se ler não é indispensável para viver, a vida é mais cômoda, mais ampla para aqueles que leem que para aqueles que não leem.” A cultura literária torna o ser humano melhor, nos torna sujeitos verdadeiros, sinceros e melhores, cria uma experiência autônoma, contribuindo assim para a liberdade e responsabilidade do ser humano.

A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. (COMPAGNON, 2009, p. 47)

A literatura é uma forma de pensar no amanhã, refletir em um futuro de responsabilidade para construir um planeta com menos espaço para o preconceito e discriminação. A leitura é uma forma de adquirir conhecimento, conhecer o outro, nos libertar de nossas maneiras convencionais de pensar a vida, ver o mundo com outros olhos por vezes derrubar barreiras fazendo-nos mudar a sociedade.

Este capítulo apresenta as análises das obras literárias, para identificar a maneira como tratam das questões de gênero. Retomamos o objetivo geral, deste estudo, que é analisar livros da Literatura Infantil os quais contextualizem os diversos gêneros, visando à desconstrução da visão naturalista que se tem de gênero e sexualidade.

Ao avaliarmos literaturas e livros didáticos constatamos que a representação de mulheres, meninas e pessoas negras permanecem, em maioria, estereotipadas. Os livros de história são exemplo dessa realidade. Também encontramos a beleza corporal como padrão nas figuras/imagens presentes nos livros. Assim, tendem a transmitir a desigualdade entre os gêneros no espaço escolar.

[...] a escola muitas vezes é uma instituição normalizadora da era moderna. Os /as educadores/as não se dão conta de quão silenciosa, sutil e reiteradamente as masculinidades e as feminilidades são construídas e lapidadas cotidianamente: com gestos, falas, orientações, olhares, jogos, brincadeiras, ocupações de espaços, comportamentos e avaliações. (Gênero e Diversidade na Escola, 2009, p.50).

Desta forma, como profissionais, é necessário educar alunos/as com olhar crítico, buscar uma educação para a diversidade, mais justa, de modo que possamos lutar por direitos

igualitários para uma sociedade de melhor convivência. É por meio de histórias infantis que se revelam as diversas famílias, divulgadas nos meios de comunicação, no espaço de convivência, de modo a influenciar na vida dos seres humanos. Assim, defendemos que o ensino escolar deve-se utilizar da Literatura como promotor da conscientização dos nossos educandos, para que possam respeitar os outros, indiferente de cor, tamanho, religião, gênero, sexualidade e particularidades diversas.

O hábito de ouvir histórias desde cedo ajuda na formação de identidades, no momento da contação estabelece-se uma relação de troca entre contador e ouvintes, o que faz com que toda bagagem cultural e afetiva destes ouvintes venha à tona, assim, levando-os a ser quem são (TORRES e TETTAMANZY, 2008, p.02).

Por todos esses aspectos, pretendemos trazer as análises das obras literárias selecionadas para refletir esses modelos de tratamento. Em contraponto, mencionamos a Proposta Curricular de 2014, que apresenta a educação como sendo laica, de modo que não devemos deixar as leis somente no papel, porque precisam ser executadas em benefício do indivíduo e da sociedade. Conforme Proposta Curricular de S.C (2014, p.60),

A laicidade do estado, bem como a laicidade dos currículos escolares é fundamental para que a escola discuta as pluralidades, em todas suas nuances e desdobramentos, como produto da ação humana e da cultura, a partir do conhecimento científico. (PROPOSTA CURRICULAR DE SC, 2014, p.60).

Com a intenção de formar um cidadão, que saiba olhar o mundo de forma crítica, é necessário que se permitam de modo mais frequente as discussões sobre as temáticas de gênero e sexualidade nas escolas, por isso, o acesso à Literatura é muito importante para o indivíduo. A leitura justifica sua importância na medida em que faz o sujeito refletir sobre diferentes enredos embasados, muitas vezes, em realidades próximas. É com essa fundamentação teórica inicial, que encaminhamos as análises das obras literárias selecionadas, destacando a necessidade de mais pesquisas na área e reflexões constantes para a melhoria do espaço escolar.

Existem inúmeras obras da Literatura Infantil e juvenil que permitem a visualização das diferentes relações de gênero, todavia, para o escopo deste trabalho selecionamos quatro obras, de modo representativo, para a percepção das questões de pesquisa. A seguir, as análises que buscam pelos objetivos deste estudo.

## 5.1 ANÁLISE I

Ao analisar o livro **“Feminina de menina, masculino de menino”** de Márcia Leite, 2011, percebemos que, de forma sutil a autora narra as diferenças entre as meninas e os meninos, qualidades e defeitos entre ambos faz com que os leitores pensem sobre o sexo oposto. Ao fazermos uma análise crítica identificamos como temática que perpassa a obra, o ato de descobrir como os indivíduos devem aprender a gostar das diferenças e conviver com elas. É um texto agradável de se ler, Márcia Leite menciona que, se você é um menino, vai poder saber o que as meninas pensam sobre elas mesmas e todos os meninos. Se você for uma menina, vai saber o que os meninos pensam sobre eles mesmos e todas as meninas. No decorrer da trama, a autora cria dois narradores que se autocriticam, mas que são vistas como qualidades e defeitos em ambos. A seguir, a capa da obra, lançada em 2011, pela editora Casa das Palavras.



**Figura 1.**

**Fonte:** LEITE, Márcia. **Feminina de menina, masculino de menino.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011. Literatura infanto-juvenil.

Com uma narrativa bem construída e personagens emblemáticos, a autora faz com que os leitores reflitam sobre o relacionamento entre os gêneros. A relação que acontece entre os gêneros é de uma competição, mas deixa claro que a diversidade existe e devemos ter respeito uns pelos outros. No texto diz: “Alguém devia ter coragem de avisar essas meninas que elas não são as pessoas mais especiais do mundo. Nem as mais bonitas. Nem as mais perfumadas. Nem as mais delicadas” (LEITE, 2011, p.08). A narrativa nos faz pensar sobre a beleza, a

leveza, meiguice da mulher, caracterizada como frágil e sensível, características do feminino. Outra parte do texto relata: “ Eles dizem que menino não chora. Mas quando um menino se machuca feio, ele não chora?” (LEITE, 2011, p.11). Esse trecho identifica o lado masculino, forte, machista, superior que não pode mostrar a fragilidade.

Noutra passagem, observamos com relação ao caráter de um e outro gênero, lemos na obra, que “Todos os adultos, não sei por que, sempre acreditam mais em uma menina do que em um menino” (LEITE, 2011, p.16). Nesse sentido, também há ideários formadores de papéis sociais homem-mulher.

As ilustrações do livro são realizadas com a técnica de imagens com colagem. Usa uma forma diferente para captar os olhares das crianças, com criatividade e arte tenta deixar a obra mais atrativa perante os leitores.

Com base na leitura da obra, podemos mencionar as discussões da revista Mundo Jovem (2001, p.19), sobre a literatura mais normativa na qual a [...] pluralidade não é presente dentro desta literatura. Falta um tipo de leitura que satisfaça essa diversidade, em que essas crianças se vejam retratadas e vejam o seu mundo retratado. (MUNDO JOVEM, 2001, p.19). Assim, escritores e professores precisam mobilizar-se para novas pesquisas e produções que discutam a questão de gêneros no espaço escola. É indispensável que a escola e seus profissionais repensem as práticas pedagógicas, buscando não reforçar preconceitos existentes entre os gêneros. Mantendo homens e mulheres enclausurados em comportamentos que são determinados para cada sexo. Desta forma, é necessário discutir, entender que a educação tem possibilidades de mudança, transformações que implica em renunciar valores e preconceitos. A seguir a próxima análise.

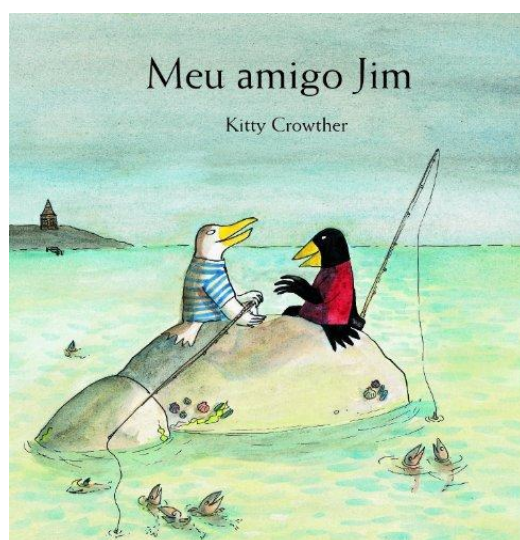
## 5.2 ANÁLISE II

O livro intitulado “**Meu amigo Jim**”, de Kitty Crowther, lançado em 2007, narra a história de duas aves, uma branca e uma negra, que vivem em mundos diferentes, um no mar outro no bosque e descobrem que são grandes amigos. Mas, ficam tristes, pois não entendem o preconceito dos demais, não sabem por que a proximidade entre ambos incomoda tanto. Essa situação faz com que se possa refletir sobre questões de preconceito e gênero. É possível perceber, a presença da sexualidade, a discriminação, a amizade e a relutância em não abandonar aquilo em que se “acredita” (ou lhes é imposto) mostram-se nas condutas dos



personagens do livro.

Refletindo sobre o conteúdo do livro “**Meu amigo Jim**”, percebemos como ele relata a história de duas aves completamente diferentes à convivência de brancos e negros reflete de início, o preconceito é visível quando andam juntos abraçados e a escolha sexual que está nas entrelinhas, mas visível. Porém, apesar da diversidade, é por meio da leitura que conquista o resto das aves. A seguir, a capa da obra.



**Figura 2.**

**Fonte:** CROWTHER, Kitty. **Meu amigo Jim**. São Paulo: Cosac Naify, 2007. Literatura infanto-juvenil.

A construção da narrativa, permite perceber, conforme Sabat (2001, p. 04) que “[...] nem a sexualidade hegemônica, nem as sexualidades desviantes são ontológicas, todas são narrativas instituídas, livres de qualquer essência”. A relação de gênero e sexualidade não foi aceita de início, teve que conquistar os sujeitos, mostrar que devemos conhecer o indivíduo. Na história, Jack pergunta: “Por que eles me olham desse jeito” (CROWTHER, 2007, p.12). Ele sente nos olhares dos indivíduos que não é aceito, não entende a indiferença dos outros, neste ponto ocorre o preconceito. Outra frase: “Eles saem para pescar, mas Jack está triste. Não liga, não diz Jim, as gaiivotas acabarão te aceitando...” (CROWTHER, 2007, p.18).

O livro traz várias imagens, é possível fazer a leitura das mesmas mesmo que o sujeito não saiba ler. A história acontece em diferentes lugares, no mar, na vila, na ilha.

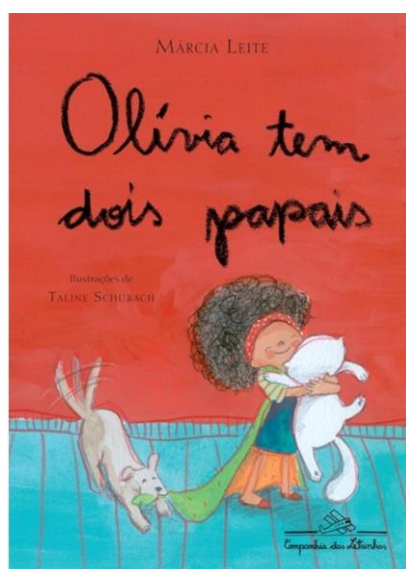
É de conhecimento geral, que todo sujeito/indivíduo procura na sociedade um ambiente onde é aceito e possa viver em liberdade. A sociedade, em maioria, discrimina aquele que está fora do padrão ou não segue as regras daquela comunidade, dessa forma,

excluindo aquilo considerado “diferente” de seus padrões. Muitas vezes, os indivíduos costumam estar sempre voltados para seu “centro” e desperdiçam oportunidades de ver o que está ao seu redor. Santos (2004, p. 02) defende que “[...] as identidades estão constantemente sendo produzidas pela linguagem, assumindo um caráter instável e contingente”.

Em virtude do que foi mencionado, reafirmamos que a educação é um processo amplo e determinantemente envolvido na constituição de sujeitos, relacionando a prática social constituem suas identidades. A escola não pode recusar à reflexões e discussões do dia-a-dia das desigualdades de gênero e a diversidade sexual, carecem estar aberta a ouvir nossos alunos/as e professores/as. Para analisar mais aspectos das obras literárias, segue a análise III, que apresenta uma formação familiar diferente da norma.

### 5.3 ANÁLISE III

A terceira obra analisada, “**Olívia tem dois papais**”, apresenta uma história ímpar sobre o papel feminino/masculino, pai/filha, pai/mãe, pai/pai, da escritora de Márcia Leite, lançado em 2010, pela editora Companhia das Letrinhas. A seguir a capa da obra.



**Figura 3.**

**Fonte:** LEITE, Márcia. **Olívia tem dois papais.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010. Literatura infanto-juvenil.

Podemos verificar que a história de “**Olívia tem dois papais**” nos relata um mundo diferente, onde a menina faz com que o pai brinque de boneca e sempre entrega aquela mais

feia, (despenteadada, sem calcinha, sem sapatos) para que arrumasse. Desconstruindo assim os estereótipos que não permitem meninos brincarem de bonecas. Historicamente, os brinquedos são definidos de menino ou de menina, bem como roupas, acessórios e atitudes, o que demonstra uma sociedade impositora e excludente. Olívia sempre tinha argumentação, defendia sua ideia, gostava de mandar na brincadeira. Certa vez usou a mesma pergunta para seus pais “você também brincava de boneca quando criança?” (LEITE, 2010, p. 21).

Na escola, a menina sofria preconceito por não ter uma figura feminina em casa, inclusive, vale destacar que a menina desafia seus pais dizendo: “As filhas acham indispensável brincar com essas coisas (maquiagem, perfume salto alto). Por acaso você se esqueceu que as filhas são mulheres meninas? ” (LEITE, 2010, p. 39). Olívia usava sua imaginação diariamente, fingia brincar com seu príncipe encantado, brincava com muito do que via no mundo. A obra mostra um modelo diferente de família, na qual dois homens criam uma menina, uma perspectiva polêmica apresentada pela autora no espaço da Literatura Infantil, sem dúvidas obras desse feitio pode transformar a realidade, de modo a tornar possíveis as discussões sobre gênero. O enredo da narrativa claramente nos faz refletir sobre as diferentes configurações familiares presentes na sociedade atual.

[...] identificamos como anormal, estranho, abjeto, grotesco, monstruoso aquilo que, a uma só vez, foge ao padrão. Em termos das identidades de gênero e sexuais, o padrão hegemônico implica heterossexualidade, características físicas bem definidas, atribuídas ao masculino e ao feminino, bem como atitudes e comportamentos igualmente demarcados (SABAT, 2001, p 04).

Lemos na obra relata momentos de reflexão da menina, por exemplo, ao perguntar: “Então você nunca brincou de boneca? Nunca brincou de mamãe e filhinho? Que intrigante” (LEITE, 2010, p. 21). É feito um questionamento ao pai como ele pode ser pai se nunca brincou quando era criança, como pode cuidar de uma filha se não praticou com brincadeiras na infância. Outra fala: “Sabia que o meu amigo Lucas disse que o pai dele não sabe cozinhar? E ele também falou que as mulheres é que devem fazer comida não os homens” (LEITE, 2010, p. 36). Aqui acontece divisão do trabalho, lugar de mulher é na cozinha, no lar, cuida das crianças, homem faz o trabalho mais pesado, mesmo com o desempenho dos papéis, a desigualdade entre os gêneros ainda é repassada de geração a geração na qual se mantém uma visão machista. Outro comentário feito no texto: “Mas sabe, não é todo mundo que acha bom ter dois pais ou duas mães. Cada família é de um jeito...” (LEITE, 2010, p. 37). “**Olívia tem dois papais**” traz uma família diferente do padrão normal, mas sofre com a exclusão. Essa visão entendida como “anormal” é uma construção histórico-social que apresenta

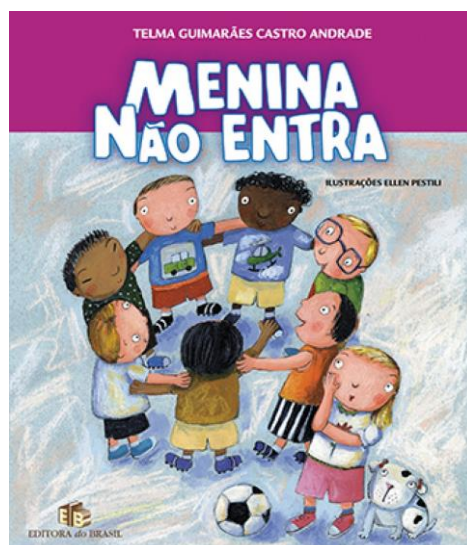
relações de poder que se exercem sobre os corpos quanto aos comportamentos e práticas até o desenvolvimento dessa forma de sexualidade (SABAT, 2001, p. 05), desse modo, a exclusão é produzida à medida que as diferenças são classificadas como desvios da norma.

Chama atenção na imagem refletida na (p. 14), mostra a menina sozinha no escuro, onde ela monta uma cabana com os quadros do papai Raul. Imagina estar no meio da floresta a noite. E que os animais perigosos não irão pegá-la. Naquele momento estava se sentindo num ambiente seguro, protegida.

Ainda diante de reflexões sobre o gênero, segue a última obra analisada, que segrega e define espaços de atuação homem/mulher.

#### 5.4 ANÁLISE IV

Em sequência, “**Menina não entra**” de Telma Guimarães Castro Andrade (2006), pela editora chamada Brasil, propõe uma desconstrução da ideia de que *menina não joga futebol*. No enredo, as crianças iniciam com a brincadeira para formar um time de futebol, na qual se agrupam inicialmente meninos, quando aparece uma menina, Fernanda que também quer participar do jogo, ela é represada, “menina não joga futebol” isso é “coisa de menino”, mas ela mostrou que é excelente jogadora. A garota teve de que sofrer o preconceito dos meninos por ser diferente, pois era uma atividade muito agressiva não deveria participar, porém mostrou o contrário. A autora narra valores importantes para a formação do sujeito, sendo, espontaneidade, características das crianças, para encontrar novas soluções para as dificuldades do dia a dia. A narrativa demonstra como ocorreu uma disputa de gênero e a menina teve que mostrar seu valor. A seguir imagem da obra:



**Figura 4.**

**Fonte:** ANDRADE, Telma Guimarães Castro. **Menina não entra.** São Paulo: Brasil, 2006. Literatura infanto-juvenil.

O livro relata: “Oi. Eu sou a Fernanda! Nossa! Ela é uma menina” (ANDRADE, 2006, p. 06). A admiração por ser feminina chama a atenção, em brincadeira do cotidiano das crianças que acontece diariamente no espaço escolar. As crianças trazem de casa comportamentos e valores que influenciam no convívio com colegas. Outro comentário dos personagens: “Coisas de menino, coisas de menina. Quanto preconceito! Sei fazer embaixadas e até cobrar falta” (ANDRADE, 2006, p.09 ). Assim como na sociedade, acontece na escola, onde as tarefas são divididas, meninas são fracas, meigas, podem se machucar... já os meninos fortes e heróis. A história mostra essa desigualdade de gênero, intolerância e a disputa entre ambos. A autora complementa: “Mal começou o treino e a garota causou espanto. Chutava tanto com o pé esquerdo como com o direito” (ANDRADE, 2006, p. 11). O livro traz comportamentos acompanhados de estereótipos que devem ser revistos e analisados entre os gêneros para adotar um ponto de vista que valoriza a busca de maior igualdade entre ambos.

Se, por um lado, é possível identificar cada dia mais a visibilidade de grupos antes marginalizados que agora são debatidos em diferentes espaços, esquadrihados, nomeados, de modo a serem conhecidos em suas especificidades e melhor controlados, por outro lado, tal visibilidade é que torna possível a conquista de direitos historicamente subtraídos daqueles grupos (SABAT, 2001, p. 10)

Levando-se em conta o que foi observado

[...] percebeu-se, desde muito cedo, há um investimento da cultura na produção de sujeitos femininos e masculino, de determinados tipos e de acordo com a

materialidade dos seus corpos. Partindo-se disso, as características dos sujeitos femininos encontradas remetiam, em sua maioria, ao espaço doméstico, à maternidade e à sedução, enquanto as características dos sujeitos masculinos remetiam à prática de esportes e às ações ligadas a carros e armas. (SANTOS, 2004 p.11).

As análises realizadas demonstram além das ocorrências inovadoras sobre as representações de homossexualidade, o discurso da heteronormatividade. Ao discutirmos sobre pluralidades nos campos do gênero e da sexualidade problematizamos um antigo objetivo das pedagogias, que é “legitimar” determinadas identidades em detrimento de outras.

A história se passa ao ar livre, num campo de futebol. As imagens são coloridas e chamam a atenção do leitor, na (p. 08) a ilustração chama atenção. Fernanda está vestida de bailarina e com a bola na mão, outro momento a representação da menina com as mãos nos olhos, indignada.

Mesmo sabendo que este estudo deve continuar, para que melhorias ocorram nas práticas pedagógicas, o espaço desta pesquisa finaliza com considerações não entendidas como encerradas, mas parciais.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em conta os aspectos analisados, foi possível perceber a importância da Literatura na formação social, a partir das representações de identidades de gênero e sexuais em quatro obras da Literatura Infantil. É imprescindível que o convívio com os livros supere o desenvolvimento sistemático da escolarização do sujeito e que as obras literárias passem a ser mais propagadas com mais intensidade nas escolas.

As crianças precisam encontrar livros que falem de sua realidade, é necessário que encontrem algo na qual possam encontrar identificação com suas identidades. Portanto, é indispensável que os profissionais da educação estejam cientes da necessidade de trabalhar com a diversidade de gênero e sexualidade no espaço escolar. A escola precisa combater as visões estereotipadas de masculino e feminino que geram preconceito e discriminação, cada ser humano é único e deve ser respeitado.

As obras analisadas contribuem para a formação da criança, visto que apresentam textos sociais voltados para o desenvolvimento da percepção do masculino e do feminino, sugerindo formas de agir e pensar. A identidade de gênero e a identidade sexual nos livros permitem outras visões de mudanças, mostram a busca por transformação nos conceitos que envolvem a (re) construção dessas identidades. São passos lentos que estão evoluindo rumo à uma educação mais inclusiva, mesmo assim, os processos históricos na formação da relação entre homem e mulher precisam ser reavaliados.

Percebe-se na análise dos livros, situações preceitos da norma heterossexual e sexista, as histórias trazem para o diálogo a oportunidade de crianças, professores/as e famílias considerarem outras formas de exercício das identidades de gênero e sexualidade. Com isso criar uma ação crítica e questionadora, bem como relações sociais respeitáveis.

Para tratar sobre as questões de gênero e sexualidade no espaço escolar os livros infantis são importantes produtores de saberes e maneira de comunicar e produzir indivíduos na sociedade. Sendo assim, a instituição escolar tem o papel de formar sujeitos críticos, autônomos, destituída de preconceitos, que ouve o outro. Desta forma, interagir e mediar reflexões por meio das histórias infantis é importante para uma aprendizagem significativa e formadora de cidadãos mais justos e igualitários.

O espaço escolar é o melhor lugar para construir relações quanto ao respeito às diversidades e diferenças em relação a gênero e sexualidade. A instituição deve possibilitar um ambiente pedagógico plural. Sendo a literatura um elo rico que nos possibilita a refletir potencialidades de uma educação que considere as diferenças.

Os livros analisados trazem para o contexto a visão diferenciada de homem/mulher na sociedade, visto que as famílias são representadas de forma diferente. Por meio da Literatura Infantil o profissional da educação tem o desafio de formar cidadãos de forma integral. Criar um sujeito consciente de sua identidade e a importância no mundo, contribuindo para uma melhor qualidade de vida. Modelos estereotipados de masculino e feminino geram preconceito e discriminação contra os indivíduos que se distanciam do que é considerado padrão normal e a escola deve hostilizar esse tipo de atitude. Cada ser humano é único com suas particularidades individuais e deve ser respeitado como tal.

Diante do exposto, defendemos que é necessário promover a reflexão sobre uma educação em sexualidade e gênero por meio de histórias infantis, como recurso que motive mudanças no quadro de exclusão social. Ao analisarmos a maneira como as famílias são representadas na Literatura Infantil, é possível mediar o processo formador dos sujeitos no espaço escolar, permitindo questionamentos e a construção de respostas para condutas sociais.

Com este estudo, foi possível reconhecer, a partir das obras literárias, as diferenças e identificar atitudes de preconceito ocorridas historicamente entre masculino e feminino, evitando a discriminação. Para mudar esse cenário de estereótipos sociais, apresentamos a Literatura Infantil como um eficiente recurso pedagógico que pode contribuir para desmistificar e modificar os conceitos pré-estabelecidos sobre Gêneros.



## 7 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Telma Guimarães Castro. **Menina não entra**. São Paulo: Brasil, 2006.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2009.

CHAVES, Otília O. **A arte de contar histórias**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1963.

CROWTHER, Kitty. **Meu amigo Jim**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

**Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professores/as em Gênero, sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Caderno de atividades**. Rio de Janeiro. CEPESC, 2009.

GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Z.; MAGRINI, Pedro Rosas (org) **Livro 2 – Módulo II – Gênero, diversidade sexual e religião; as diferenças de gênero no espaço escolar**. IN: GRAUPE, Mareli Eliane, SOUSA, Lúcia AuleteBúrigo de. **Gênero e educação**. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero/Centro de filosofia e Ciências Humanas/ UFSC, 2015.

GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Z.; MAGRINI, Pedro Rosas (org) **Livro 1 – Módulo I – Gênero: um conceito importante para o conhecimento do mundo social**. Florianópolis: Instituto de estudos de Gênero – UFSC – 2015.

LAGO, Mara Coelho de Souza (Et al.) **Especialização em Gênero e Diversidade na escola: Livro III, módulo III**. IN: SENA, Tito. **Os estudos de Gênero e Michel Foucault**. Tubarão, S.C.Ed. Copiart, 2015.

LEITE, Márcia. **Feminina de menina, masculino de menino**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Olívia tem dois papais**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

**Leitura: coletânea de artigos publicados no jornal Mundo jovem / Jornal Mundo Jovem**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. IN: **Leitura para crianças e jovens**. Artigo publicado no Jornal Mundo Jovem, n.314, março de 2001, p.19.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**. Ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2000.

MELO, S.M.M. **Corpos no espelho**. A percepção da corporeidade em professoras. Tese (Doutorado em Educação) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação, 2001.

NUNES, C. A. SILVA, E. **As manifestações da sexualidade da criança**. Campinas: Século XXI, 1997.

SANTA CATARINA. **Proposta Curricular de Santa Catarina**. Secretaria do Estado Santa Catarina. 2014.

SANTOS, Cláudia Amaral dos. **A invenção da infância generificada: a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero.** 2004. Disponível em: <<http://27reuniao.anped.org.br/ge23/t231.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2016.

SABAT, Ruth. **Educar para a sexualidade normal.** Gênero, sexualidade e educação. N 23. Disponível em: <<http://27reuniao.anped.org.br/ge23/t2311.pdf>>. Acesso em: 31 jul 2016.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Texto original: Joan Scott – Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. **Contação de histórias: resgate de memória e estímulo à imaginação.** Revista eletrônica de crítica e teoria de literatura. PPG – LET – UFRGS – Porto Alegre – Vol.04 n.1- jan/jun 2008.